



TELEFONES CELULARES COMO “COLEIRA DIGITAL”: INTERSEÇÕES ENTRE MICROPOLÍTICAS DE GÊNERO, TECNOLOGIAS MÓVEIS E A VIGILÂNCIA DOS CORPOS EM UM GRUPO POPULAR

Sandra Rubia da Silva ¹

Como pensar a apropriação dos telefones celulares, tecno-objetos que se tornaram onipresentes em nossas vidas, como nos mostram Castells *et al.* (2007), em relação às categorias de gênero? A partir de uma etnografia conduzida entre um grupo de camadas populares, pretendo mostrar aqui que há muito a ser dito quando se parte da perspectiva do celular como uma mera tecnologia de comunicação e informação e avança-se para pensar em seu impacto nas relações cotidianas entre homens e mulheres.

Evidentemente não cabe aqui fazer uma extensa revisão teórica do campo dos estudos de gênero, mas sim apontar para o conceito de “coleira digital” que, inspirado em escritos de Deleuze, tem sido usado por pesquisadores interessados na temática dos telefones celulares para falar do controle exercido por mães sobre seus filhos (LING, 2004; NICOLACI-DA-COSTA, 2006). Meu argumento é o de que, juntamente com a concepção foucaultiana do panóptico (FOUCAULT, 2008), a “coleira digital” é uma imagem que irá iluminar a interpretação que segue dos dados etnográficos, cujo foco é a análise das dinâmicas introduzidas pela apropriação das tecnologias móveis nas relações entre homens e mulheres no Morro São Jorge². Igualmente, como nos mostram os trabalhos de Ellwood-Clayton (2005), Horst e Miller (2006), e Plant (2002) as novas tecnologias de comunicação e informação têm tido um papel crescente na tanto na manutenção, quanto na descoberta de relacionamentos extraconjugais.

Fonseca (2000) afirma que a preocupação com a infidelidade está entre os principais motivos para o surgimento de brigas e conflitos entre homens e mulheres de grupos populares. De um lado, os homens tendem a exercer um controle explícito sobre as atividades cotidianas femininas, preferindo que as mulheres se circunscrevam ao espaço doméstico; de outro, há por parte das mulheres a eterna preocupação com outras mulheres dispostas a se tornarem amantes de seus maridos. Nesse sentido, a questão que nos ocupará ao longo das próximas páginas é: como o telefone celular se insere nas dinâmicas de relacionamento entre os casais, levando em conta a preocupação recorrente com a harmonia no casamento e a fidelidade conjugal?

¹ Doutora em Antropologia Social (UFSC, 2010); pesquisadora associada do NAVI-GAUM (Núcleo de Antropologia Visual, Urbana e Marítima) da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: sandraxrubia@gmail.com.

² A fim de preservar a identidade dos participantes da pesquisa, optou-se por utilizar aqui um nome fictício para o bairro pesquisado.



Tomemos o caso de Janaína, auxiliar de serviços gerais de trinta e dois anos, que é uma das muitas esposas do São Jorge que tem o celular alvo de uma prática constante: a inspeção explícita por parte do esposo. Janaína dois filhos de relacionamentos anteriores, dois rapazes de catorze e doze anos, e está casada com Charles há nove anos. Com ele, tem mais dois meninos, um de sete anos e bebê de dez meses. “Quando meu marido chega em casa, ele pega o meu celular, abre, vê quem ligou, quem não ligou, pergunta quem é a pessoa, o que queria. Isso acontece todo santo dia. Muito ciumento.” É significativo notar que o marido nunca mexeu na bolsa ou na carteira de Janaína, mas o mesmo não acontece com o celular. A esposa é constantemente cobrada se não atende ou demora para atender uma ligação do marido: “Eu te liguei tal hora, porque tu não atendeu? O que tavas fazendo? Com quem tavas falando? Tu não ouviu tocar?”

O ciúme do marido – assim essa atitude é percebida por Janaína – segue uma rotina na qual o celular joga um papel central. Charles liga religiosamente todos os dias para a esposa às dez da manhã, quando ela faz o primeiro intervalo na empresa de serviços gerais onde trabalha. Ao longo do dia, liga mais quatro ou cinco vezes. Janaína explica que essas ligações seguem geralmente um mesmo roteiro, começando com um cumprimento como “bom dia, amor” e passando a seguir para a pergunta clássica: “o que estás fazendo?” Todos os dias às dez da manhã, quando está na copa fazendo um lanche, Janaína recebe a primeira ligação do dia, mas diz que geralmente não se afasta para ter uma conversa mais reservada, mesmo quando há barulho. Charles, o marido, sempre quer saber “que barulho é esse”, ao que Janaína responde: “Você quer eu minta para ti? Não é melhor tu saber onde eu tou e escutar todo mundo falando?” Às onze da manhã, é o momento do intervalo para fumar. Nova ligação de Charles acontece: “Que barulho de carro é esse? Onde você está? Quem tá aí fumando contigo?” Janaína nunca desliga o celular, e mesmo no trabalho mantém o aparelho em uma pequena bolsa pendurada no pescoço, para não perder nenhuma ligação de Charles. Janaína considera essas atitudes do esposo uma falta de confiança e, pior, uma vigilância descabida de seus atos cotidianos. Mas paga na mesma moeda: também busca controlar e vigiar a vida do marido pelo celular, mas não da mesma forma inquisitiva e explícita. Esperava o marido dormir, abria, mexia, e anotava em um papel à parte os números considerados “suspeitos”, para retornar as ligações no dia seguinte. Mas nunca conseguiu descobrir nada que comprovasse qualquer traição do esposo.

O que o depoimento de Janaína mostra é que as mulheres tendem a ser mais discretas do que os homens na demonstração do medo da traição. Como bem argumenta Fonseca (2000), no jogo da hierarquia entre os gêneros, as mulheres estão longe de se submeterem passivamente. Entretanto,



quando a suspeita é forte ou a traição se confirma, as emoções ficam bastante exacerbadas, como veremos adiante. Nesse sentido, não significa dizer que não existam mulheres que não usem os celulares para ligar para os maridos diuturnamente, ou “rastreá-los”. A resposta masculina é desligar o celular às vezes, ou “esquecê-lo” em algum lugar. Ana Beatriz reclama do marido: “Acho que ele já não usa celular pra eu não ficar rastreando ele. Ele sempre esquece; saiu segunda-feira com o carro e esqueceu o celular lá”. Astuciosamente, propôs ao marido vender o celular para ganhar algum dinheiro, “já que ele não usa” mas o marido não deixou. Ivete diz que o marido “nunca me atende no celular” e acrescenta: “se eu ligo e o celular tá desligado, o que ele tá fazendo? Coisa boa é que não é...” Lila, por sua vez, sabe que o marido tem mais de um celular – na verdade, três – e que dois deles são deixados na casa de sua sogra. A prática de ter mais de um celular, como nos mostra o trabalho de Plant (2002) sobre o consumo de celulares na Europa e na Ásia, também é utilizado com objetivos de praticar a infidelidade conjugal; da mesma forma, práticas como a que descrevi acima também foram observadas por Horst e Miller (2006) em sua etnografia do uso de celulares na Jamaica.

As mulheres podem ser tão insistentes quanto os homens, mas preferem outra tática – como Janaína, tem por hábito “fiscalizar” ou “limpar” os celulares dos maridos. A prática de vasculhar os celulares dos companheiros ou esposos – verificar a caixa de mensagens e o registro de ligações, por exemplo – é conhecida na terminologia nativa como “geralzinha básica”. Os relatos de meus interlocutores do sexo masculino indicaram que os homens tendem a ter uma atitude reativa à geralzinha básica – é a mulher quem começa primeiro, como relata Caio, um jovem interlocutor, a respeito de sua noiva: “Ela vasculha o meu celular. Às vezes eu pego e fiscalizo o dela também para ela ver o que é bom”. Ricardo, que aos dezoito anos já é casado e pai, dá a sua opinião: “Um casal acho que cada um tem que ter sua privacidade. Às vezes a minha esposa mexe [no celular] e eu não gosto, não gosto nem um pouquinho”. Na próxima seção, analiso os conflitos engendrados pela prática de tal “geralzinha básica”.

“Celular, é onde tu pega as coisas...”: sobre conflito e resistência

Interessante notar que a solidariedade entre homens está presente no empréstimo dos aparelhos celulares para outros homens, o que não significa que seja impossível uma mulher acobertar os deslizes conjugais de um amigo ou parente do sexo oposto. É o que percebo quando, determinada ocasião, visito a pequena venda que pertence a Écio, marido de Dirce. Esse é um bom exemplo da riqueza de dados etnográficos que a observação participante pode proporcionar, já



Dirce me havia dito que não seria uma boa fonte de material para a minha pesquisa porque não só não gostava de usar o celular, como o aparelho estava constantemente sem créditos. O pequeno grupo de pessoas que ali estava não estranhou minha chegada, pois eu era conhecida de todos, exceto de um senhor, a quem me apresentaram explicando o propósito de minha pesquisa. Écio imediatamente comentou: “Mas tem muita gente que só usa o celular para fazer coisa errada! Para que a turma quer celular? Para dizer que ‘sujou’ no Morro? Para ficar emprestando pros outros fazerem o que não deve? Pra ficar trocando e vendendo por droga?” E virando-se para a esposa: “É contigo mesmo que eu tou falando viu? Não quero mais saber de ti emprestando o celular para o Dionei [*um vizinho e primo de Dirce*] ficar ligando para as ‘amigas’. Se eu souber que tu emprestou de novo vai ter hein?”

O empréstimo de celulares que causa confusão entre marido e mulher, como explica Emília:

Aconteceu um fato bem estranho. Meu marido pegou meu celular e ligou, mas era amigo dele, do serviço, que eles iam limpar vidros. Ligou e disse que tava descendo pra ir trabalhar. Isso eu ouvi ele falando. Mas aí a mulher dele pensou que ele tava falando com uma mulher, e pegou o número e anotou, sem falar nada pra ele. Ela ligou depois pro meu celular. Eu peguei e atendi, e ela: “quem tá falando?” E eu: “tu é que tem que falar quem é, tu é que ligou pro meu celular”. Aí ela... “É que eu vi esse número aqui no meu celular e eu quero saber quem ta falando.” “Mas tu tem que falar primeiro quem tá falando”, eu bem assim. E ela: “Aqui é a Geise, foi tu que ligou para o número tal e tal?”. Eu disse que não tinha sido eu. Aí ela desligou, mas no outro dia ligou de novo. “É tu sim que anda saindo com o meu marido!”, que não sei o quê. Aí eu anotei o número e fui correndo ligar, lá do telefone fixo na casa da minha vó, e alguém atendeu e disse que era de um orelhão. Eu pensei, meu Deus, mas quem me ligou desse número? E perguntei pra pessoa: mas tu viu quem tava no telefone por último, e a pessoa disse quem era. Daí eu contei depois pro meu marido quando ele chegou, eu disse nossa, tem essa mulher que me ligou me xingando de tudo, dizendo que eu tou saindo com o marido dela. Ele perguntou que número era e o nome da pessoa. Quando eu contei que era Geise, ele disse que era a mulher do amigo dele, muito ciumenta. Disse: “pode deixar que eu falo com ele”. Depois ela ligou pedindo desculpas, explicou que o marido tinha já traído ela. E o celular nem era o dela, ela mentiu, era do marido dela mesmo.

Se Lila e Janaína nunca encontraram nada de concreto a partir da “inspeção” dos celulares dos maridos, e Emília foi vítima de um mal-entendido, o mesmo não aconteceu com Silvia. Em um dia de outubro, chego às sete da noite na casa de Larissa, irmã de Silvia, para entrevistar a primeira. Após meia hora de conversa, chega Silvia, pálida e muito chateada, dizendo ter encontrado uma mensagem de mulher no celular do marido. Imediatamente forma-se uma espécie de conselho de guerra entre as mulheres presentes: Larissa, Silvia, Janaína (muito amiga das duas) e uma prima, Ivete. Silvia estava desconfiada que o marido estava se encontrando com a ex-mulher: “Mas se eu confirmar, eu mando ele embora, vocês vão ver.” Janaína imediatamente se oferece para ajudar: “Deixa que ele é meu primo e não vai desconfiar de mim. Eu ligo e vou descobrir para ti quem é. Assim que eu descobrir te conto”.

Soube uma semana depois que Silvia realmente havia se separado. Entretanto, quatro meses depois, estava às boas novamente com o marido. Silvia me recebe em sua casa para uma entrevista



em uma noite quente de fevereiro, após o trabalho. Seus filhos – um menino de treze e duas meninas de onze e sete anos - brincam na sala. Lembra o incidente anterior com leveza, e me dá mais detalhes, dizendo que tem muito o ver com o ‘meu projeto’ – a tese de doutorado: “O celular tava bem no meio da estória, foi até engraçado, né.” Rindo, explica que não perde oportunidade de “jogar na cara” do marido o acontecido cada vez que brigam e ele quer cobrar alguma coisa: “Pensa que eu esqueci? E aquela mensagem no teu celular?” O marido de Silvia havia realmente marcado um encontro com a ex-mulher. Esta lhe havia mandado uma mensagem no celular ao meio-dia, durante o trabalho, mas ele não ouviu. No começo da noite, foi Silvia quem abriu a mensagem durante uma inspeção no celular do marido ou, em suas palavras, “durante a ‘geralzinha básica’ que a gente sempre dá. Que a gente espera a oportunidade certa para dar uma geral.” A seguir transcrevo a estória nas próprias palavras de Silvia:

E até hoje ele se arrepende muito. A gente sentou, conversou, ele falou a verdade, que ele tinha marcado um encontro sim, na época nós tínhamos terminado, nós tínhamos brigado. Ela ligou para ele dizendo que o irmão dele tava incomodando – que o irmão dele é casado com a irmã dela - e ela é ex-mulher dele. Aí eles ficaram conversando e ele contou que tinha brigado comigo. E marcaram um encontro. No dia seguinte, ela mandou uma mensagem para ele. Ele tava no trânsito, na moto, e não abriu a mensagem. Quem abriu a mensagem fui eu, à noite. E ele não abriu, desde o meio-dia. Ele ouviu até a mensagem, mas não foi abrir. No mesmo dia, à tarde, nós fizemos as pazes; ele foi tomar um banho, sei lá, pediu pra pegar o Prestobarba dentro da mochila dele, aí eu vi o celular e do nada resolvi dar uma geralzinha básica, né. Aí eu vejo aquilo, aquela mensagem. Mas eu sou muito esperta, eu não ajo sem ter certeza. Primeiro eu tava investigando, um ou dois dias antes, e eu ainda não tinha tido a certeza. *[Investigando no celular?]* Investigando no celular, e também com as pessoas. Claro, e o quê da questão era a mensagem no celular. Fui lá, conversei com a Janaína que é prima dele, e ela também muito fofqueira, sabe de tudo o que acontece. E naquele mesmo dia a gente descobriu. A Janaína pegou o celular da Larissa *[irmã de Silvia]* que era da mesma operadora, que tinha bônus, e ela ligou e falou com a mulher. Porque ninguém tinha crédito. Aí no mesmo dia a gente descobriu. No mesmo dia eu fui e ele negou até a última. Agora há pouco tempo que ele falou a verdade, que tinha realmente saído com ela. E quando eu tava investigando eu também descobri que tinha uma ligação desse mesmo número, de dois anos atrás. Descobri pelo chip dele. Porque na verdade ele trocou de celular, comprou um celular novo de operadora diferente, foi lá e desbloqueou, mas colocou o mesmo chip. E os arquivos tavam todos lá. *[Ou seja, ele não deu uma limpeza básica...]* Não deu. Como dois anos atrás era a época em que ele tava se separando dela, eu já imaginei que o número seria dela. Só que não ia cobrar enquanto eu não tivesse certeza, fiz de conta que nada era. Mas depois que descobri, que ligamos pra ela, eu terminei. Ele chorou, se ajoelhou, como faz sempre... E o celular tava bem no centro da estória, sinceramente. Foi pra descoberta, pra colocar os pingos nos “is”. Depois ainda fiz ele ir lá ligar para ela. Eu já tinha ligado do meu número para o trabalho dela, tirei o identificador, e disse que era uma pesquisa e precisava fazer algumas perguntas para ela. Aí já reconheci a voz dela. Tive bem a certeza. E eu não queria que ele ligasse do celular dele porque ela não ia atender. Eu fiz ele ir lá embaixo no orelhão e falar um monte de coisas para ela no celular, como se eu não soubesse de nada. E como se nem ele soubesse que era ela. Eu queria que ele deixasse bem claro para ela que ele estava muito preocupado com o relacionamento comigo, que ele não quer perder o relacionamento dele. Ele disse um monte de coisa pra pessoa. “Quem é essa maluca que anda ligando, não liga mais pro meu telefone, fica mandando recado pro meu amigo”, ele dizia. Porque na época ele mentiu pra mim dizendo era a namorada do amigo dele, que era casada e que ninguém podia saber. E ele também, casado, o Cadu. Que ele estava emprestando o celular pro amigo ligar. Que isso aqui é o que mais tem. “Ah porque foi o meu amigo que ligou pra esse número aí”, é a desculpa que mais rola. Aí o amigo dele veio, confirmou a estória, mas eu disse então nós vamos ligar para essa pessoa. Ele queria ligar do celular dele, mas eu disse não. Vamos no orelhão. Que senão ela ia se preparar. Imagina eu, não sou boba, macaca velha, trinta e três anos, vários relacionamentos... E ele foi. E eu ali, fingindo que não sabia de nada, que tinha acreditado nessa estória de Cadu. E imagina, eu tinha certeza, eu já tinha ligado para ela, a Janaína já tinha ligado também. E ele foi e ligou pra ela. “Fulana, não liga



mais pro meu celular, quando tu quiser falar com o Cadu, liga pra outro número, que dá confusão, sou comprometido”, que não sei o quê... E logo depois eu terminei com ele, disse que não queria mais. Ainda fiz pior, porque chamei ele no serviço. Eu fiz ele sair do serviço e foi lá que eu terminei tudo. Aí um tempo depois ele veio, admitiu, chorou, disse que se arrependeu muito. Quer dizer, eu acho, né [risos].

Depois de todo o acontecido, o marido de Silvia não perdeu o hábito de emprestar o celular, mas agora a avisa. O celular emprestado pode ser usado não apenas para acobertar amigos infiéis mas – o que mais preocupa Silvia – para promover atividades ilícitas e até combinar crimes: “Ele empresta o celular para todo mundo, não sabe dizer não. Até para pessoas que não é para emprestar, tá entendendo. Porque celular grampeado aqui tem a rodo, a hora que ‘eles’ [polícia] quiserem rastrear... E eu dou um monte de esporro nele. Porque tu ainda vai te comprometer por causa disso”.

Em conclusão, meus dados etnográficos mostram que, entre os habitantes do Morro São Jorge, o telefone celular é apropriado como uma forma bastante próxima do que Foucault (2008) chamou de sociedade disciplinar, mas também torna-se foco de vigilância, tensões e conflitos – motivados principalmente pelo temor da infidelidade conjugal. Nesse sentido, meu argumento ao longo deste texto foi o de que o telefone celular engendra *micropolíticas do cotidiano*, no sentido foucaultiano, nas quais homens e mulheres interagem em dinâmicas socioculturais que refletem hierarquias de gênero, mas que também, como vimos, guardam o potencial para subvertê-las.

Bibliografia

- CASTELLS, Manuel; FERNÁNDEZ-ARDÈVOL, Mireia; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. *Mobile Communication and Society: a global perspective*. Cambridge: MIT Press, 2007.
- ELLWOOD-CLAYTON, Bella. Unfaithful: reflections of enchantment, disenchantment... and the mobile phone. In: HÖFLICH, Joachim; HARTMANN, Maren (orgs.). *Mobile Communication in Everyday Life: ethnographic views, observations and reflections*. Berlim: Frank & Timme, 2006, p. 123 – 144.
- FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- FOUCAULT, Michel [1975]. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 35ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- HORST, Heather; MILLER, Daniel. *The Cell Phone: an anthropology of communication*. Oxford; Berg, 2006.
- LING, Rich. *The Mobile Connection: the cell phone's impact on society*. New York: Morgan Kaufman, 2004.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Celulares: a emergência de um novo tipo de controle materno. **Psicologia & Sociedade**, 18(3), set/dez. 2006, p. 88-96. Disponível em: <www.scielo.com> Acesso em: 20 jan. 2010.



PLANT, Sadie. *On the Mobile*. 2002. Disponível em: <www.motorola.com> Acesso em: 27 ago. 2009.